

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (SETEMBRO 2017)

Com base na amostra representativa da IACA (19 empresas) constata-se, em **setembro de 2017**, uma produção de 198 101 tons, contra 196 772 tons produzidas em setembro de 2016, o que representa uma ligeira subida, de 0.7%, face ao mês homólogo do ano anterior, o que acontece pelo quinto mês consecutivo (embora com menor expressão), impulsionado desta vez pelos incrementos nos bovinos e outros animais, destacando-se o recuo nos alimentos para aves. Este relativo crescimento homólogo, praticamente uma estabilização, ficou a dever-se às subidas de 5.0% nos alimentos para bovinos e à manutenção dos alimentos para outros animais (0.8%) que travaram a estabilidade (em baixa) dos alimentos para aves (-0.3%) – uma “*novidade*” nesta amostra mensal ao longo do ano de 2017 – e dos alimentos para suínos (-1.2%), este sim uma tendência que nos acompanha desde o início do ano. No entanto, há que referir que o mês de setembro teve diferentes dias de fabrico (22 em 2016, contra os 21 de 2017), pelo que a extrapolação através da produção média diária daria um crescimento da ordem dos 5.5%. Naturalmente que para esta conjuntura, de uma grande procura de alimentos compostos e sobretudo ao nível dos ruminantes (grandes e pequenos), tem ficado a dever-se à situação de seca que vivemos, agravada pelo flagelo dos incêndios (junho e outubro ficarão, infelizmente, na nossa memória coletiva). E aqui é justo salientar o papel dos Associados da IACA e a “IACA Solidária” no apoio às vítimas dos incêndios, uma iniciativa que ainda decorre.

De facto, numa altura em que se discutia a proposta de orçamento para 2018, que se considera como expansionista, e num quadro em que há que conter a dívida pública e, sobretudo, os gastos permanentes (salários, pensões), para além do déficit, tanto mais que parece ceto que o crescimento do PIB de 2.6% previsto para 2017 não se repetirá no futuro, seria prudente não aumentar a despesa para além do razoável, nem penalizar as empresas e as famílias com o aumento da carga fiscal. Parece evidente que o drama dos incêndios e as verbas necessárias para a reconstrução das áreas ardidas ou a reposição do potencial produtivo, para além de um novo olhar e uma nova estratégia para o interior e o Mundo Rural, requer um esforço adicional que vai muito para além do déficit e que tem de ser reconhecido por Bruxelas como uma situação de exceção. É óbvio que esta estratégia vai muito para além de uma legislatura e que tem de mobilizar toda a Sociedade Civil num verdadeiro pacto de regime. Estando em discussão uma nova revisão da PAC pós 2020, em que o ambiente, a gestão dos recursos e o rendimento da Agricultura são aspetos prioritários, convém não perder de vista as alterações climáticas e as mudanças necessárias para mitigar esses efeitos, em que a agropecuária tem um papel muito relevante no reordenamento do território e da paisagem.

Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Amostra Representativa)

	Toneladas		
	Setembro 2016	Setembro 2017	Variação (%)
AVES	100 114	99 801	-0.3
BOVINOS	42 148	44 233	5.0
SUINOS	44 932	44 410	-1.2
OUTROS	9 578	9 657	0.8
TOTAL	196 772	198 101	0.7

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2015	2016	2017	VAR% 2017/16
JANEIRO	179 056	177 309	193 210	9.0
FEVEREIRO	165 332	177 524	171 577	-3.4
MARÇO	190 367	198 431	208 306	5.0
ABRIL	189 072	184 805	180 973	-2.1
MAIO	176 539	189 448	203 042	7.2
JUNHO	187 051	190 945	193 879	1.5
JULHO	198 635	184 806	194 496	5.2
AGOSTO	183 930	199 259	204 501	2.6
SETEMBRO	190 410	196 772	198 101	0.7
OUTUBRO	199 514	199 257		
NOVEMBRO	189 311	196 960		
DEZEMBRO	195 631	188 594		
TOTAL	2 244 848	2 284 110	1 748 085	2.9

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Valores Acumulados)

Toneladas

	Jan-Set 2016	Jan-Set 2017	Varição (%)
AVES	839 167	901 754	7.5
BOVINOS	357 591	369 946	3.5
SUINOS	407 790	379 965	-6.8
OUTROS	94 751	96 420	1.8
TOTAL	1 699 299	1 748 085	2.9

Por outro lado, considerando as empresas que integram a nossa base de monitorização mensal, nestes 9 meses de 2017, são 7 (7 em agosto e não necessariamente as mesmas) as que melhoraram a produção face ao ano passado, representando 51.0% de quota de mercado, contra os 46.0% de 2016, o que significa um relativo aumento na concentração da atividade, com maior impacto nos segmentos avícola e nos suínos. **Neste momento, o mercado, medido pela amostra, depois do crescimento de setembro, mantém-se em alta, desacelerando para 2.9%, pelo impacto do setor avícola e dos bovinos, com uma quebra relevante nos alimentos para suínos.** O registo de uma produção em alta fica a dever-se ao incremento de 7.5% no mercado avícola (sobretudo no chamado mercado industrial, com o rural em maiores dificuldades), subida nos bovinos (3.5%) e outros animais (1.8%), com forte redução nos suínos (-6.8%). No que respeita ao chamado **“mercado livre”**, registou-se em setembro, na linha dos meses anteriores, um aumento de 3.4%, com um ganho de 2 300 tons; no período de janeiro a setembro, a quebra acumulada é agora de 0.4%, tendo perdido um volume inferior a 2 500 tons, o que se explica pela alta nos bovinos e outros animais, em parte devido à grave situação de seca que ainda vivemos. De qualquer modo, apesar de alguma “especialização” do Setor, este mercado continua resiliente, com um peso dentro da amostra de 35.8% em 2017, contra

os 36.9% no período homólogo de 2016.

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2016	2017	2016	2017	2016	2017	2016	2017
JANEIRO	81	97	40	42	45	43	12	12
FEVEREIRO	82	88	39	36	45	37	11	10
MARÇO	95	108	41	43	50	45	12	13
ABRIL	91	97	38	36	45	39	10	10
MAIO	95	106	39	41	45	44	11	12
JUNHO	97	100	39	41	45	42	10	11
JULHO	96	102	38	41	42	41	9	10
AGOSTO	102	104	42	46	46	44	10	10
SETEMBRO	100	100	42	44	45	44	10	10
OUTUBRO	101		42		47		9	
NOVEMBRO	96		44		47		11	
DEZEMBRO	92		42		45		10	
TOTAL	1 128	902	485	370	546	379	125	98

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se nos 0.80 €/kg de peso vivo, com tendência de estabilidade, o peru nos 2.26 €/kg carcaça, e os ovos com cotações entre 1.15 e 1.40 €/Kg, com alguma tendência de subida, sobretudo no Ribatejo Oeste. A crise do fipronil afetou alguns mercados europeus, sobretudo a Bélgica e a Holanda (perdas de 65 milhões de € para a Fileira), mas a segurança da produção nacional nunca esteve em causa. Desde logo ficou claro que não era um problema da alimentação dos animais, mas já foram reforçados os mecanismos de alerta e de controlo nos mercados, europeu e mundial, para evitar que estas situações se repitam. Nos bovinos de **carne**, depois de alguma volatilidade, a Bolsa dá agora sinais de manutenção, com os novilhos a fixarem-se nos 4.05, as novilhas nos 4.10, as vitelas nos 4.40 e as vacas nos 2.20 €/kg carcaça. No **leite**, mantêm-se a tendência de melhoria do mercado, com sinais diferentes na Europa e em Portugal. Entretanto, aumentos já decididos pela Indústria foram considerados ainda insuficientes para conter os custos de produção, enquanto a FENALAC aposta numa campanha de promoção do consumo de leite, desmistificando questões importantes que têm colocado em causa a importância no leite na nutrição e na saúde humana. Na Europa, não existe acordo sobre os stocks para o próximo ano, sendo certo que o mercado não deve produzir para a armazenagem. Nos **suínos**, temos assistido a uma tendência de descida, acompanhando as tendências europeias, com as exportações (sobretudo para a China) a denotarem sinais de diminuição, sendo necessário encontrar mercados alternativos. É o que Bruxelas está a fazer com a aceleração de acordos comerciais com 20 parceiros, dos quais, se alguns são potencialmente vantajosos, como são os casos do Japão, Coreia ou Canadá, outros existem que aconselham grande prudência, como as negociações com o Mercosul. Aqui a Espanha tem interesses ofensivos e pretende acelerar o processo; a França, pelo contrário, opõe-se a qualquer precipitação e quer rever o Mandato da Comissão. Como noutras matérias, desde logo, os OGM, o glifosato, ou o Brexit, os Estados-membros não se entendem. Uma conjuntura difícil...